



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO FORMAL OU NÃO FORMAL?

Luciano Bezerra de Vasconcelos Jr (1); Cecília Dirce de Paula Oliveira Melo (2); Daniela Lourenço Freire Souza (3); Matheus Gomes de Santana (4); Dayse Rodrigues de Oliveira (5)

(1) Universidade Federal de Pernambuco, lvasconcelosjr@outlook.com; (2) Universidade Federal de Pernambuco, ceciliadircemelo@gmail.com; (3) Universidade Federal de Pernambuco, danifreire@ymail.com; (4) Universidade Federal de Pernambuco, mgsantana.20@gmail.com; (5) Universidade Federal de Pernambuco, daysrodrigues@gmail.com.

Resumo: As escolas por muito tempo foram o único espaço de construção de conhecimentos. Atualmente existem práticas educacionais que se processam nos mais distintos ambientes. Nesse sentido, as discussões sobre educação formal e não formal por Gadotti (2005) e Gohn (2004) tornam-se cada vez mais úteis para que possamos conhecer as nuances que estão por traz da simples caracterização em um ou outro formato de educação. Entendendo que a educação religiosa objetiva a descrição e a reflexão sobre os costumes e valores das religiões existentes, o presente trabalho objetiva identificar se a educação processada no âmbito da Escola Bíblica Dominical (E.B.D.) constitui-se um modelo de educação formal ou não formal. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho etnográfico, com uma abordagem plurimetodológica, que se utilizou de entrevistas semiestruturadas, questionários semiabertos e observações, em uma Escola Bíblica Dominical de uma Igreja Batista em Olinda-PE. Elegemos como categorias de análise a hierarquia da instituição, a estrutura física e as práticas pedagógicas ali desenvolvidas. Os resultados apontam que embora existam elementos de uma educação não formal, como a não obrigatoriedade de formação para os professores e ausência de controle por órgãos regulamentadores é visível o esforço de aproximação com a educação formal, como forma de validar as práticas não formais ali realizadas.

Palavras-chave: Educação formal; Educação não formal; Escola Bíblica Dominical.



INTRODUÇÃO

A Escola Bíblica Dominical (E.B.D.) é um espaço de educação comum entre os cristãos das mais variadas denominações. A igreja – preocupada com o a vida espiritual de seus membros – instituiu a E.B.D. para formação de um caráter ético, com valores morais bíblicos e orientações para uma vida e um relacionamento com Deus. Ela é regida pelos princípios teológicos cristãos.

Para Gadotti (2005),

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem”. (p. 02).

Com isso, podemos caracterizar todos os espaços não escolares, que promovem uma ação educativa, como espaço não formal de educação e assim, conhecendo as nuances, aproximações e distanciamentos entre os modelos de educação formal e não formal, nos surgiu os seguintes questionamentos: a educação processada no âmbito da Escola Bíblica Dominical constitui-se um modelo de educação formal ou não formal? Quais são os principais elementos que exprimem essa caracterização?

Diante do exposto nos propomos, por meio de uma pesquisa de cunho etnográfico, analisar algumas características organizacionais da instituição religiosa abordada, tais como: sistematização, distribuição das funções, materiais didáticos adotados, metodologia e didática dos docentes, formação e remuneração, importância da E.B.D. para os cristãos, etc. Objetivávamos, portanto, com esse estudo identificar se a educação processada no âmbito da Escola Bíblica Dominical se constituía uma educação formal ou não formal.

Nossa reflexão visava a compreensão do assunto no intuito de desmistificar pré-conceitos e esclarecer dúvidas no que tange a educação religiosa cristã, destrinchando o seu funcionamento a fim de uma maior compreensão dessa organização.

O presente artigo está organizado em nove partes. Inicialmente a educação religiosa e sua inserção, sua estrutura e contribuições para a formação do ser. Posteriormente, análise de conceitos dos modelos de educação formal e não-formal, fazendo ponte na observação entre esses e a educação da E.B.D (Escola Bíblica Dominical),



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

o terceiro momento trata-se dos percursos históricos da E.B.D, seguida do percurso metodológico quanto observação etnográfica, observações e discussões, hierarquia, estrutura física, prática pedagógica e conclusão da problemática entre os modelos de educação e a Escola Bíblica Dominical.

EDUCAÇÃO RELIGIOSA: DISCUSSÕES INICIAIS

Entendemos que a educação religiosa é a disciplina ou forma de instrução, que propõe a reflexão de valores, costumes e deveres concernentes as religiões que conhecemos. É uma disciplina com propostas alternativas à uma sociedade secularizada e uma redescoberta e ressignificação da transcendência, de suas manifestações, do sentimento que ela traz para a vida e da postura ética-relacional que ela propõe.

A educação religiosa almeja dar direção "espiritual" à faixas etárias que necessitem ou busquem a mesma. No caso do protestantismo (cristianismo), isso se faz para que o(a) fiel seja capaz de resistir às diversas tentações e seguir o caminho certo na vida. Para isto é preciso que conheça, não apenas regras de comportamento, mas também deva possuir integridade interior a qual lhe mostraria claramente a diferença entre o bem e o mal.

A educação religiosa não está inserida apenas nos currículos das escolas formais, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como um componente da formação básica do cidadão e de matrícula optativa, mas ela está presente também nas igrejas com outros objetivos, se no primeiro espaço a educação das religiões visa promover o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, no segundo espaço ela objetiva a formação de um caráter ético e moral cristão, fundamentados nos princípios teológicos cristãos. Nas escolas, os conteúdos curriculares da educação religiosa variam muito, porém existem orientações para que se contemple a experiência religiosa dos educandos, sem, no entanto, ser proselitista. Isto inclui um estudo das religiões presentes no Brasil e sua influência nos costumes, nas ideologias e nas relações sociais. Todavia, há propostas acadêmicas que utilizam a história das religiões como componente essencial do currículo do ensino religioso.

EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Partimos da perspectiva de Gadotti (2005) para trabalharmos os conceitos de educação formal e a não formal, por entendermos que ele traz um delineamento mais substancial das aproximações e distanciamentos dos termos entre si.

A educação formal tem objetivos transparentes e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. O que não inviabiliza de ter elementos que destoem do comum, em sua construção pedagógica e metodológica. Já a educação não formal, é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. (GADOTTI, 2005).

Levando em consideração tal conceituação de educação, percebemos que toda educação, por mais "alternativa" que seja considerada, no senso comum, traz elementos do caráter formal em alguns de seus aspectos, mesmo que seja na disposição física da sala de aula, em suas diretrizes pedagógicas, ou na sua organização hierárquica. Porém, mesmo havendo essas distinções entre tipos de educação, sabemos que a educação é tida como um processo de natureza contínua, que acompanha o indivíduo desde os seus primeiros passos até a mais distante vida adulta, envolvendo uma diversidade significativa de métodos e recursos de aprendizagem.

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: PERCURSOS HISTÓRICOS

A título de uma rápida contextualização histórica, a escola dominical é uma das instituições mais úteis, benéficas e duradouras da história do protestantismo. Ela se insere no contexto mais amplo da educação religiosa ou educação cristã, que sempre tem sido uma preocupação da Igreja, desde os tempos apostólicos. O apreço à instrução, educação e capacitação do povo de Deus foi muito importante no Antigo Testamento, na perspectiva familiar e da vida religiosa em Israel. Com o surgimento das sinagogas, locais onde os mestres discutiam os mais variados assuntos, e reuniam-se para crescimento teórico. O ensino recebeu enorme ênfase, ainda mais no ministério de Jesus, que foi mestre e reuniu em torno de si os seus discípulos. Com a igreja primitiva, as atividades didáticas foram fundamentais



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para a propagação e consolidação do novo movimento, como se pode verificar amplamente nos livros do Novo Testamento.

A moderna instituição conhecida como “escola dominical” teve como um de seus principais fundadores o jornalista inglês Robert Raikes. Natural de Gloucester e ainda no século XVIII, aos vinte e dois anos, sucedeu o pai como editor do *Gloucester Journal*, um periódico voltado para a reforma das prisões. Nessa época, estava ocorrendo na Inglaterra o extraordinário avivamento evangélico, com sua forte ênfase social. Inspirado por outras pessoas, Raikes iniciou uma escola em sua paróquia. Ele ensinava crianças pobres de 6 a 14 anos a ler e escrever e dava-lhes instrução bíblica. A ideia de Raikes rapidamente se alastrou pelo país. Apenas cinco anos mais tarde, foi organizada em Londres uma sociedade voltada para a criação de escolas dominicais. Um ano depois, cerca de 200.000 crianças estavam sendo ensinadas em toda a Inglaterra. No princípio os professores eram pagos, mas depois passaram a ser voluntários. Da Inglaterra a instituição foi para o País de Gales, Escócia, Irlanda e Estados Unidos.

No fim do século 18, quando ocorreu a independência dos Estados Unidos, muitas crianças, especialmente pobres, não tinham acesso à educação. As escolas dominicais vieram suprir essa carência, além de unir o ensino religioso ao ensino geral. A primeira escola dominical americana surgiu numa residência da Virgínia, 1785. Na década seguinte, foram criadas escolas em Boston, Nova York, Filadélfia, Rhode Island e Nova Jersey. Destinavam-se a crianças que careciam de educação, muitas das quais trabalhavam em indústrias. Na cidade de Pawtucket, Estado de Rhode Island, foi iniciada uma escola na primeira usina de algodão dos Estados Unidos. Os primeiros dirigentes em geral eram leigos e líderes comunitários; o texto usado era a Bíblia e as matérias incluíam leitura, redação e valores cívicos e morais. Essas escolas dominicais prepararam o caminho para a criação de escolas públicas. A partir de 1800, os propósitos das escolas dominicais americanas passaram a ser instrução e evangelismo; elas transmitiam valores cristãos e o espírito democrático da nova nação. Era um trabalho não-denominacional ou, como se dizia na época, uma “associação voluntária”, reunindo pessoas de diferentes igrejas. Em 1824 foi fundada a União Nacional de Escolas Dominicais, que organizou os líderes, publicou literatura e criou milhares de escolas no interior do país. Na mesma época, muitas denominações começaram a criar as suas próprias uniões de escolas dominicais.

A escola dominical chegou ao Brasil como as primeiras missões protestantes. A primeira escola dominical permanente foi fundada pelo casal Robert e Sarah Kalley em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Petrópolis, no dia 19 de agosto de 1855. Sarah Kalley havia sido grande entusiasta desse movimento na sua pátria, a Inglaterra. A primeira escola dominical presbiteriana foi iniciada pelo Rev. Ashbel Green Simonton em maio de 1861, no Rio de Janeiro. Reunia-se nos domingos à tarde, na rua Nova do Ouvidor. Essa escola aparentemente foi organizada de modo mais formal em maio de 1867. Um evento comum em muitas igrejas presbiterianas brasileiras nas primeiras décadas do século 20 era o “Dia do rumo à escola dominical”, quando se fazia um esforço especial para trazer um grande número de visitantes. Um destacado incentivador das escolas dominicais foi o Dr. Eliézer dos Santos Saraiva (1879-1944), presbítero da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, que promoveu as primeiras convenções de escolas dominicais do Brasil, bem como encontros de confraternização e piqueniques.

Outro grande incentivador foi o Rev. Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932), que traduziu, adaptou e escreveu por vários anos as Lições Internacionais (*Livro do Professor*, 1921-1929), um valioso material para crianças, jovens e adultos. No início do século vinte surgiu a União Brasileira das Escolas Dominicais, depois Conselho Nacional de Educação Religiosa, cujo trabalho foi continuado pela Confederação Evangélica do Brasil.

Atualmente inúmeras publicações educacionais para E.B.D são produzidas, algumas igrejas possuem suas próprias editoras, como CPAD- Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Assim como livrarias e editoras trabalham exclusivamente comercializando e desenvolvendo material gospel para a educação religiosa da Escola Bíblica Dominical e outros seguimentos da igreja.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo visa identificar se a educação processada no âmbito da Escola Bíblica Dominical constitui-se um modelo de educação formal ou não formal. Para tanto, elegemos como campo de investigação a Escola Bíblica Dominical, de uma Igreja Batista, em Olinda, Pernambuco. Propusemos-nos a realizar uma pesquisa do tipo etnográfico, por entendermos que dentro da perspectiva da etnografia, nossa pesquisa seria apenas um esforço de aproximação, uma vez que, segundo Eckert e Rocha (2003, p. 03), “a etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Em nosso estudo, realizamos vinte momentos de imersão no campo de estudo, nos quais nos misturamos aos sujeitos e partilhamos das possibilidades ali vivenciadas. Entretanto, não podemos considerar uma etnografia por entendermos que ela deve ser uma pesquisa intensiva, de longa duração em que o etnógrafo viva o local (MATTOS, 2011).

Nesse sentido, realizamos entrevistas semiestruturadas com 5 pessoas, 53 questionários fechados e 100 horas de observações.

OBSERVAÇÕES E DISCUSSÕES

De modo geral, observamos que os participantes da Escola Bíblica Dominical sentiam dificuldades ao responder se a E.B.D. se constitui em uma educação religiosa formal ou não formal, as justificativas das respostas dos entrevistados eram semelhantes. A maioria dos participantes alegavam que a E.B.D. se consolida como uma educação formal pela infraestrutura, pela disposição das salas de aula, pelo organograma, mas, se observar pelo lado de não possuir leis governamentais que a rege, uma formação obrigatória do docente, um acompanhamento mais rigoroso dos alunos, entre outros detalhes, a E.B.D. torna-se uma educação não formal.

HIERARQUIA

Dentro da Escola Bíblica Dominical é possível observar uma clara hierarquia em sua organização. Ela se configura como um departamento das igrejas que funciona de maneira sistematizada, bem organizada, com funções bem definidas de cada ator deste setor, o que nos faz lembrar a estrutura organizacional semelhante à das escolas.

Observamos que a educadora religiosa da igreja tem a responsabilidade de promover o ensino-aprendizagem da Bíblia através de várias ferramentas, sendo a E.B.D. apenas uma delas. A educadora religiosa é a maior na hierarquia dos líderes e responsáveis da E.B.D. Ela tem formação específica para essa função através de Seminários de Educação Religiosa, que vai lhe oferecer suporte espiritual e pedagógico para a sua práxis na igreja na qual desempenha sua atividade. Ela é responsável por gerenciar a E.B.D., indicar, preparar e supervisionar a equipe de trabalho.

Após a educadora religiosa, temos a coordenadora geral, que trabalha diretamente com a educadora religiosa, lhe repassando as informações/dados do funcionamento da Escola, e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

também preparando as medidas de intervenção para correção de deficiência que venham a surgir. Arelada à Coordenação Geral, estão as coordenadoras específicas, que por sua vez estão mais próximas dos professores e alunos, observando o funcionamento, identificando as necessidades do aluno/professor para que elas possam ser demandadas à Coordenação Geral e a Educadora Religiosa.

A Coordenação Especifica é dividida por faixa etária, sendo uma Coordenadora para o Departamento Infantil, outra para o Departamento de Adolescentes e Jovens, e uma terceira para o Departamento de Adultos. Ainda faz parte dessa equipe a secretária da E.B.D., que fica responsável pela matrícula de novos alunos, chamada de classe, acompanhamento e levantamento de dados quanto à frequência dos alunos. Essas informações são estudadas com toda a equipe, e ficam sob a responsabilidade do professor o resgate do aluno faltoso ou o seu acompanhamento especial.

Assim como numa escola regular, a E.B.D. tem uma hierarquia e funções bem definidas desses atores, porém existe um diálogo entre elas e, portanto, uma interdependência, conforme organograma abaixo:

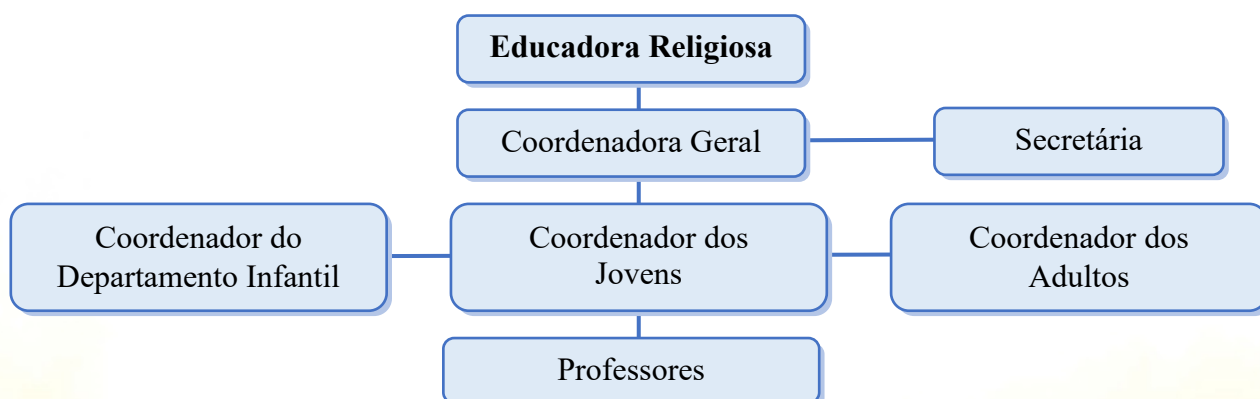


Imagem 1: Núcleos que compõem a E.B.D. na Igreja Observada

ESTRUTURA FÍSICA

Observamos ainda que a Escola Bíblica Dominical divide as classes de acordo com a faixa etária de cada aluno e, por sua vez, em Departamentos, conforme discriminação a seguir: 1) Berçário: 0 a 3 anos; 2) Crianças: 3 e 4 anos / 5 e 6 anos / 7 e 8 anos 11 e 12 anos; 3) Adolescentes: 13 a 17 anos; 4) Jovens: 18 a 35 anos; 5) Adultos: classes mistas, de homens e mulheres; 6) Novos Convertidos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Se fossemos fazer uma relação com a escola secular, poderíamos dizer que na Escola Bíblica Dominical funciona a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante, visto que os alunos são preparados também para militarem na difusão do evangelho.

Na igreja em que foi feita a pesquisa etnográfica, fica evidente o esforço da mesma em oferecer uma estrutura física aproximada a de salas de aulas seculares. Existe um prédio de Educação Cristã, de três andares. No primeiro andar, funciona o Departamento Infantil, com salas adaptadas especialmente para crianças. Cadeiras e mesas infantis, decoração lúdica, um máximo de 15 alunos por sala e com dois professores cada sala. No segundo e terceiro andar, ficam as salas dos adolescentes e Jovens, já sob a jurisdição de outro Departamento. Sendo no segundo andar o ambiente dividido em cinco salas, com cadeiras escolares e quadro branco. Já o Departamento de Adultos é o que mais sofre quanto à disposição de espaço físico, ficando algumas salas no térreo na área externa da igreja e outras salas ficam num mesmo ambiente, no templo central. Isso dificulta o processo de ensino-aprendizagem, pois facilita a dispersão do aluno devido ao fluxo de um quantitativo maior de pessoas. Nesta igreja funcionam 24 salas de E.B.D. e que devido à falta de espaço físico, a igreja se divide em dois períodos. O primeiro período, antes do culto doutrinário e o segundo período após ele. O tempo total para cada período, e, portanto, para a lição ser estudada, é de 1 hora.

Outro aspecto observado foi o de que, fisicamente, a igreja é preparada para o acesso de pessoas com deficiência motora. Contando com vaga de estacionamento exclusiva para os mesmos, rampa de acesso ao templo e ao altar e banheiros adaptados. Para as pessoas com deficiência auditiva, a igreja conta com uma equipe de interpretes de LIBRAS que traduzem tanto na sala em que o aluno está como também em todos os cultos da igreja. No templo, o intérprete fica num lugar que proporciona a visualização pelo surdo em qualquer lugar que ele queira ocupar na igreja. Entretanto, ainda falta a audiodescrição para as pessoas com deficiência visual, e no que se refere aos alunos com deficiência mental, não foi identificado no dia da visita, mas segundo a Educadora Religiosa, “esses alunos são acolhidos e os professores treinados para tratar com a peculiaridade de cada aluno através da orientação pedagógica, mas acima de tudo, da capacitação do Espírito Santo”. Nessa Escola Bíblica não há uma classe específica para pessoas com deficiência. Os alunos são inseridos nas classes de acordo com seu perfil e idade. Nota-se um esforço em atender a todos, e conforme essa demanda vai surgindo a igreja se adaptando gradativamente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesta mesma perspectiva, com base nas observações realizadas, pode se analisar a educação da E.B.D. como uma educação não formal, porém tem em seu sistema práticas pedagógicas e didáticas que se aproximam de uma educação formal.

Quando tratamos da educação não formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. O termo não formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal. Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2004).

PRÁTICA PEDAGÓGICA

Em análise da prática pedagógica na E.B.D. da Igreja Batista de Rio Doce-PE, observamos as características de uma educação não formal apresentadas na não exigência de uma formação superior pedagógica por parte dos educadores, podendo um membro qualquer da instituição religiosa exercer essa função. Cada professor bíblico estabelece uma ação educativa para dar sua aula, mas nas observações constatamos a predominância de uma prática e didática formal, onde as aulas são mais expositivas, o professor se coloca como detentor do conhecimento e não como mediador.

Assim sendo, seguindo uma lógica do pensamento tradicional de educação, os educadores da E.B.D. da igreja observada apresentam-se mais como um depositador de informação e conhecimento na cabeça dos alunos do que como um agente do conhecimento que possa aprender com o aluno. Percebemos poucos estímulos à criatividade e a interação social, com pequenas exceções em datas comemorativas e simbólicas onde algumas faixas apresentam alguma dramatização ou homenagem.

De 0 à 3 anos até 4 à 6 observa-se a prática pedagógica e a didática menos formal, utiliza-se de mais interação e atividades sinérgicas lúdicas além de outros recursos e materiais didáticos: música, filmes, brinquedos, dinâmicas e dramatização em datas comemorativas. No espaço, a arrumação das cadeiras em fileiras, todas voltadas em direção ao professor, nos faz lembrar a organização de uma escola. Há o controle de presença com chamadas além de sua unidade curricular ser estabelecida por uma revista religiosa facilitadora do conhecimento do objeto de estudo Bíblia, adotada por escolha do pastor ou de alguns representantes da E.B.D.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de cada igreja, onde tem o conteúdo planejado por escritores religiosos protestantes, esta revista é dividida em: a) Exemplar do aluno, que possui uma linguagem compatível as faixas de idade das classes e uma abordagem com o mundo de cada um; b) Exemplar do Professor, que tem o conteúdo a ser ministrado, comentários teológicos e uma orientação de como fazer a prática pedagógica.

A postura do educador na sua prática pedagógica na E.B.D (Escola Bíblica Dominical) se caracteriza pela predominância da oratória como recurso de persuasão indutivo e tendencioso, linguagem coloquial, habilidade de convencimento para fazer com que o aluno internalize as convicções e dogmas, enaltecimento da perspectiva espiritual sobre a sociedade e desprezo da racionalização dos fatos, a sua postura em sociedade evidenciada como exemplo dos valores éticos religiosos em analogia com os ensinamentos bíblicos.

Considerando a educação religiosa sendo não formal, percebemos nessa escola bíblica a necessidade de legitimação, por meio dos seus métodos, da sua estrutura física e organizacional, da sua prática pedagógica e didática, a reproduzir o ambiente escolar formal. A metodologia utilizada é aplicada de acordo com as faixas das turmas. Neste processo de aprendizagem o mundo íntimo tem foco maior, o ensinamento é para formação da subjetividade, segundo afirma a Educadora Religiosa da instituição observada.

Observamos que os docentes da instituição não possuem necessariamente formação pedagógica para atuarem nas salas de aula de E.B.D. Entretanto, casualmente encontramos alguns professores que possuem formação pedagógica por terem, em suas vidas seculares, atuação no campo da licenciatura, pois o critério para atuação em sala de aula está associado ao conhecimento bíblico e a capacidade de liderança que os(as) mesmos(as) possuem. Entretanto, àqueles(as) que desejarem uma formação mais aprofundada, é-lhes facultado o ingresso no seminário ligado à denominação, o que, no caso da instituição observada, a instituição de formação teológica e ministerial ligada à mesma é o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil.

Desse modo, a formação do profissional de educação dentro desse espaço é construída pela sua capacidade pessoal, vinculada a construção de base religiosa dentro da igreja, seja como missionário ou como profissional da educação, a instituição religiosa proporciona os estudos ao futuro educador religioso, onde a formação acadêmica na licenciatura não é fator primordial e único, o seu desenvolvimento e sua experiência de fé e a atuação nos seminários bíblicos correspondem a maior parte dos instrutores.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CONCLUSÕES

Neste trabalho, abordamos a Escola Bíblica Dominical de uma Igreja Batista de Olinda (PE), investigando as práticas de educação numa perspectiva de educação religiosa formal ou não formal, como ela se constitui, o seu funcionamento e a sua sistematização pedagógica. Por meio de entrevistas, observações e questionários podemos elegemos como forma de interpretação dos dados coletados, a categorização em: hierarquia da instituição, estrutura física e práticas pedagógicas.

Assim, podemos definir a E.B.D. como uma tentativa de sistematização dos pensamentos cristãos com uma estrutura e funcionamento semelhante às escolas seculares a fim de estabelecer-se cada vez mais como uma organização tão séria e solidificada quanto qualquer outra instituição formal de ensino, mas compreendemos que a E.B.D. caracteriza-se mais como uma organização educacional não formal pelos seguintes motivos: 1. Não obrigatoriedade de uma avaliação; 2. A supervalorização do espiritual no lugar do racional ou científico (teocentrismo); 3. Não ser regida e controlada por um órgão, sistema ou ministério público; 4. Não obrigatoriedade de uma formação científica dos professores e outros agentes envolvidos e a não remuneração dos mesmos; 5. O objetivo específico ser a formação da construção ética das pessoas a partir de valores morais cristãs (discipulado). Entretanto, é visível o esforço de aproximação com a educação formal, como forma de validar as práticas não formais ali realizadas.

REFERÊNCIAS

GADOTTI, Moacir. A Questão da Educação formal/não formal. Sion: IDE, 2005

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais: espaços de educação não formal da sociedade civil. 2004. In: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2004/04/02/519734/movimentos-sociais-espaos-educacao-no-formal-da-sociedade-civil.html>. Acesso em: 12/abril/2016

LA BELLE, Thomas. Nonformal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution? New York, Praeger, 1986.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. Iluminuras, Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 1-22, 2003.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. **Etnografia e educação: conceitos e uso**. 21.ed. Campina Grande: EDUEPB, 2011.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MATTOS, Aldery Souza. Pequenas Histórias da Escola Dominical. 2011